

Esperança em tempos de retrocesso: A liderança que resiste

1

Tiago Hayashida ²

Um estudo recente da Gallup, o “*Global Leadership Report: What Followers Want*” – realizado com mais de 70 mil pessoas em 52 países e apresentado na Cúpula Mundial de Governos de 2025 – revela que 56% dos entrevistados desejam que a liderança propicie um ambiente onde exista esperança. Sim, esperança. Segundo a pesquisa, quando um líder atende a essa necessidade, o sofrimento é minimizado e o bem-estar, maximizado.

O desafio se torna ainda mais relevante e árduo em um contexto dominado pelo tratamento meramente ideológico – e pouco pragmático – de questões importantes para a sociedade, onde os fatos importam cada vez menos, e o que conta, de fato, é atrair a atenção.

Dan Ariely, professor norte-americano de psicologia e economia comportamental, explora esse fenômeno no excelente livro “*Desinformação: o que faz pessoas racionais acreditarem em fake news, teorias da conspiração e outras coisas irracionais*”. Por meio da análise de resultados de diversas pesquisas, ele demonstra como situações extremas de estresse – como foi o caso da pandemia – funcionam como gatilhos para o afloramento da irracionalidade.

Mas como transmitir essa esperança em um momento de desconstrução de práticas de proteção ambiental, ampliação da diversidade nas organizações e da dimensão ética na condução dos negócios? Como fomentar esperança em um ambiente no qual a análise crítica ficou em segundo plano?

Enquanto catástrofes se acumulam ao redor do globo, a SEC – órgão regulador do mercado de capitais dos Estados Unidos – anunciou o abandono das regras que obrigariam empresas listadas em bolsa a reportar suas emissões de gases de efeito estufa e os riscos da mudança climática para os negócios.

Apesar das evidências sobre os impactos positivos da diversidade nas organizações, como mostra a quarta edição do relatório “*Diversity Matters*”, da consultoria McKinsey – com dados de 1.265 empresas de 23 países em seis regiões –, políticas de inclusão vêm sendo atacadas e desmanteladas por governos e grandes corporações. Até mesmo a *Foreign Corrupt Practices Act* (FCPA), lei anticorrupção norte-americana que pune empresas que praticam suborno no exterior, foi suspensa sob o argumento de que prejudica a competitividade.

Diante de tantas mudanças, como remar contra a maré?

A resposta não é simples. Mas lembro da edição de janeiro de 2025 do podcast “*O Futuro vem do Futuro*”, da MIT Sloan Review Brasil. No episódio, Silvio Meira – cientista-chefe da TDS

¹ Artigo publicado no Mundo RH. Disponível em: <https://www.mundorh.com.br/esperanca-em-tempos-de-retrocesso-a-lideranca-que-resiste/>. Acessado em 25.03.2025

² Gerente Executivo de Finanças e Pessoas da CCEE.

Company e conselheiro de diversas empresas – fala sobre o “vale da desesperança” no qual se encontram as práticas ESG e faz uma afirmação importante: quem tem responsabilidade não deixará de fazer o que é certo, mesmo que seja um esforço solitário.

Apesar do cenário hostil, cabe à liderança das organizações decidir qual caminho seguir. As palavras de Silvio Meira não são apenas uma reflexão, mas uma convocação. Ele reforça o papel de empresas com propósito – que visam crescimento e retorno aos investidores, mas também tomam decisões conscientes dos impactos sociais e ambientais que provocam. Que pensam de forma responsável e intergeracional.

Enquanto algumas companhias desmontam suas práticas, outras reafirmam seus compromissos com a redução de emissões de carbono, diversidade e inclusão. Nem tudo está perdido. A construção de um ambiente onde exista esperança continua sendo possível. E ela começa nas decisões que tomamos agora.